

DOSSIÊ

MANIFESTACIONES CULTURALES EN AFRO AMÉRICA, CONEXIONES, CONTINUIDADES TRANSNACIONALES

TRANSCULTURALIDADES: redescobriendo as conexões ancestrais

Leonardo Alvares Vidigal

Escola de Belas Artes

Universidade Federal de Minas Gerais, Br

Resumo

A pesquisa apresentada neste texto¹ tem como intuito aprofundar o entendimento e o reconhecimento mútuo entre os sistemas culturais contidos nas entidades político-jurídicas dadas a conhecer como “Brasil” e “Jamaica”. O objetivo é mapear algumas das conexões culturais mais importantes por meio do audiovisual e da palavra escrita, assim como iniciar um processo de aproximação no âmbito cultural e acadêmico. Ela partiu do pressuposto de que o critério de pertencimento a determinados territórios não pode ser o único elemento a balizar o estudo dos sistemas culturais e que os pontos de contato entre eles são tão importantes quanto os fatores que os distinguem. A metodologia de pesquisa empregada se baseou no entrelaçamento entre pesquisa de fontes primárias escritas e audiovisuais, a realização de entrevistas, além da produção de vídeos documentais e educativos que trouxessem novas luzes sobre a comunicação transcultural, indicando novas possibilidades de enredamento entre ambos. As características compartilhadas entre os dois sistemas culturais se originaram nas populações ameríndias nativas (também presentes no Brasil) e africanas, que foram levadas à força a ambos os territórios nos tempos coloniais. O texto procura rastrear

¹ “Enredando Brasil e Jamaica: amplificando a comunicação transcultural por meio do audiovisual e a música popular”, pesquisa financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig, gerenciada também pela Fundep e UFMG, entre 2014 e o início de 2016.

algumas dessas conexões, estabelecendo as bases para outras pesquisas e descobertas.

Palavras-chave: Estudos Caribenhos, Brasil, Jamaica, transculturalidade, interdisciplinaridade.

Resumen

El objetivo de la investigación estuvo dirigido a mapear algunas de las conexiones culturales más importantes por medio de las fuentes audiovisuales y de la palabra escrita, mientras fue iniciado un proceso de aproximación al ambiente cultural y académico. Se partió del presupuesto de que el pertenecimiento a determinados territorios no puede ser el único elemento a considerar en el estudio de los sistemas culturales y que los puntos de contato entre ellos son tan importantes cuanto los factores que los distinguen. La metodología seguida se basó en la relación entre investigación de fuentes primarias y audiovisuales, la realización de entrevistas, además de la producción de videos documentales y educativos que trajeran nuevas informaciones sobre la comunicación transcultural, indicando nuevas posibilidades de conexión entre ambos.

Palabras claves: Estudios Caribeños, Brasil, Jamaica, transculturalidad, interdisciplinaridad.

Abstract

This research has the purpose to deepen the understanding and mutual recognition among cultural systems contained in the politico-legal entities made known as "Brazil" and "Jamaica". The goal is to trace some of the most important cultural connections through audiovisual and written word, and start a process of rapprochement in the cultural and academic environment. It had assumed that the criterion of belonging to certain areas may not be the only element in guiding the study of cultural systems and that the contact points between them are as important as the factors that distinguish them. The research methodology was based on the intertwining of written and audiovisual primary sources, on interviews, as well as documentary production to bring new light on cross-cultural communication, indicating new possibilities of entanglement between them. The shared features that exists between the two cultural systems were originated among native Amerindian populations (also present in Brazil) and African people taken by force to both territories in colonial times. The text seeks to trace some of these connections, establishing the basis for further research and new discoveries.

Keywords: Caribbean Studies, Brazil, Jamaica, transculturality, interdisciplinarity

Introdução

Como aproximar contextos culturais geograficamente distantes? Partindo da constatação, por um lado, das semelhanças históricas e, por outro lado, das particularidades incontornáveis das duas multiplicidades únicas conhecidas como Brasil e Jamaica, foram identificados dois períodos que embasam a aproximação possível entre elas. O primeiro seria situado no estudo do período pré-colombiano e na subsequente era mercantilista, anterior à Revolução Industrial, quando ambos eram colônias de impérios poderosos à época, o Império Português, no caso do território brasileiro, e o Império Britânico, no caso da ilha caribenha. Evidências arqueológicas (Saunders, 2005) apontam que os habitantes originais da região, ameríndios dos troncos linguísticos aruaque e caribe, habitaram os atuais Brasil e Jamaica, trazendo algumas das primeiras características compartilhadas entre tais territórios. Além disso, o segundo momento de construção de um substrato cultural compartilhado aconteceu durante o desumano e continuado tráfico humano de africanos escravizados, que trouxe, para ambos, indivíduos de determinados grupos étnicos, como os iorubás (África Ocidental) e os bantus (África Central). Nesse artigo vamos tentar descrever como avançamos no entendimento desses dois vetores de aproximação cultural entre Brasil e Jamaica, a partir da noção de transculturação e transculturalidade.

Transculturações, Caribe e história

Em outro texto deixamos claro como o conceito de “transculturação”, cunhado pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz (1963), nos parecia mais adequado para tratar das transformações e conexões culturais acontecidas entre Caribe e América do Sul. A constatação de que os contatos diretos e indiretos entre sistemas culturais concebidos como abertos (CARVALHO E SEGATO, 1994), onde todos os envolvidos se transformam de alguma maneira pela observação e audição do outro, por diversas

maneiras, mostrou que este foi um processo tão importante na história da humanidade quanto a diferenciação. Na perspectiva moderna de formação de estados nacionais e delimitação do conhecimento em compartimentos teóricos, foi uma noção que ficou relegada até a pouco tempo atrás, quando o trabalho de sociólogos e antropólogos voltou a valorizar os processos de troca cultural. Chamamos também a atenção para a dinâmica profundamente relacional que condiciona essas constituições mútuas e como isso havia sido teorizado por acadêmicos do Caribe ou de origem caribenha como Édouard Glissant e sua “poética da relação” (1981), Paul Gilroy e seu relato de como o que os elementos humanos, históricos e culturais do que ele chamou de Atlântico Negro havia dado uma contribuição crucial para a formação do mundo moderno (2001) ou Carolyn Cooper evocando Kamau Brathwaite e a unidade “submarina” entre as culturas caribenhas (2011).

No entanto, ainda hoje o estudo dessa rede transcultural sofre restrições por causa da mentalidade que enrijece os sistemas culturais. A experiência compartilhada pelas populações de origem indígena, africana e europeia e os elementos expressivos que compuseram essa experiência, como a língua e as manifestações musicais, foram sintetizados na música popular praticada nos últimos quinhentos anos no Novo Mundo e no audiovisual concebido no último século e também neste. Apesar da transculturalidade evidente dessa produção, a submissão dessa herança e de seus desdobramentos contemporâneos às delimitações nacionais, impediu por muito tempo o surgimento de estudos que não estivessem comprometidos com a afirmação da cultura como naturalmente emanada de territórios rigidamente demarcados.

Uma perspectiva transcultural pode emergir mais facilmente hoje porque a manutenção, instalação e aceleração dos processos de intercâmbio cultural está mudando rapidamente a nossa percepção do mundo. Esta é constituída, intensificada e explicitada pela invenção de manifestações artísticas que recombina elementos expressivos até então identificados como emblemáticos de territórios determinados anteriormente ou que não podem ser associadas *a priori* a nenhum local específico.

Essa dinâmica estimulou a compreensão de tais processos como redes de constituição e apropriação cultural, o que já começa a ser verificado nos estudos recentes realizados sobre os contatos culturais que abordam o continente americano.

Um número crescente de estudos sobre a região caribenha e a América do Sul vem apresentando a tendência a enfatizar interseções e influências mútuas na área cultural, com consequências importantes para a própria delimitação geográfica dessa parte do mundo entre os estudiosos. O Caribe, até pouco tempo atrás considerado apenas como o arquipélago situado no Golfo do México, entre a América do Norte e a América do Sul, começou a ser compreendido de forma mais ampla². Por outro lado, estudos nem tão recentes sobre filmes realizados fora dos centros hegemônicos consideram toda a área caribenha e não apenas Cuba, Porto Rico e República Dominicana na definição mais geral de um cinema latino-americano, aproximando culturalmente as duas macro-regiões (HENEBELLE e GUMUCIO-DAGRON, 1981: 353; BLAKE, 1988: 337).

Todos estes estudos indicam que o conceito de Caribe se encontra atualmente estendido ao restante da América Central e o norte da América do Sul, abrangendo entidades nacionais como Colômbia, Venezuela e México, mas também regiões intranacionais, como o nordeste do Brasil³. O importante aqui não é determinar a adequação ou não dessa redivisão territorial, mas assinalar que existe um movimento coletivo, desenvolvido

² Essa tendência foi verificada durante a participação deste pesquisador no 3º Simpósio Internacional do Centro Brasileiro de Estudos Caribenhos (CECAB), que teve lugar em 2006 em Caldas Novas (GO), na 32ª Conferência Anual da Associação de Estudos Caribenhos (CSA), em maio de 2007 em Salvador (BA), e na Global Reggae Conference, que aconteceu em fevereiro de 2008 em Kingston, capital da Jamaica. A conferência anual da Associação de Estudos Caribenhos foi particularmente significativa nesse sentido, pois foi realizada pela primeira vez no Brasil. As chamadas para trabalhos destes eventos explicitam essa concepção ampla da região caribenha (CARIBBEAN STUDIES ASSOCIATION, 2006:2).

³ Podemos citar ainda o significativo contingente da migração legal e ilegal de cidadãos brasileiros para regiões mais associadas ao Caribe, como a Guiana Francesa (SIMONIAN E FERREIRA, 2006:99) e o Suriname (DE THEYJE, 2006: 117), boa parte composta por migrantes oriundos do Maranhão. Ainda em relação às novas demarcações geográficas, Ribeiro estende a região que qualifica como “Guianas” até São Luís, capital do Maranhão (2006: 23).

espontaneamente no confronto com problemas práticos e teóricos de pesquisa, no sentido de repensar a região de modo a enfatizar as conexões e não apenas as fronteiras existentes. A percepção ampla da região nos faz olhar com mais cuidado para os contatos culturais, mas a necessária delimitação de escopo da nossa pesquisa nos fará concentrar o olhar nas conexões entre o que hoje conhecemos como Jamaica e Brasil.

De acordo com diversos pesquisadores que estudam a história e as características do Caribe, este sempre apresentou um alto índice de mobilidade populacional e intercâmbio cultural, desde quando as terras em questão foram ocupadas por grupos indígenas provenientes da América do Sul, milhares de anos antes da chegada dos europeus (HORNA, 2001: 82). Esse é um aspecto menos conhecido da história do Caribe, que apenas começou a ser reconstituído por historiadores, arqueólogos e geneticistas. A parte mais divulgada e estudada dessa trajetória é aquela recoberta por mitos de fundação e relatos de violência extrema, causada pela entrada voluntária e forçada de europeus, africanos e asiáticos na região. A literatura sobre o Caribe muitas vezes se referiu ao arquipélago como o primeiro sistema colonial planetário na história da humanidade, embora o mais correto fosse dizer que era um sistema colonial europeu, com a única exceção das ilhas ocupadas pelos Estados Unidos (Porto Rico, Ilhas Virgens etc.) (MINTZ, 1996: 305).

A radical reformulação e complexificação da dinâmica sociocultural das Américas ao longo dos últimos quinhentos anos vem diferenciando o modo de povoamento do continente em relação ao resto do mundo, ao mesmo tempo que vai desafiando múltiplas conexões com todos os povos do planeta. Esse processo vem sendo cada vez mais esquadrihado, dando conta de como, ao longo dos séculos, as guerras de conquista provocaram um desequilíbrio intenso de poder em favor dos europeus (oriundos de contextos culturais historicamente diversificados), o esmagamento parcial dos indígenas e a brutal exploração escravista daqueles de origem africana (ambos também apresentavam uma variedade perceptível em termos de línguas e costumes entre os grupos colocados em contato, embora em graus diferentes).

Estes últimos são aqueles a quem o *reggae*, a conexão contemporânea mais explícita entre Brasil e Jamaica, está mais associado, por terem trazido em sua letal travessia pelo Atlântico a memória das formas musicais ouvidas e cantadas em suas comunidades, que comprovadamente serviram de base para a síntese musical que inventou os gêneros praticados em todo o Caribe, além da Jamaica e do Brasil. São grupos oriundos da chamada África central e ocidental, que se estende do território hoje conhecido como Nigéria até Angola. Eles trouxeram para o Novo Mundo uma diversidade marcante em muitos aspectos, principalmente em relação à língua, mas também experimentaram em sua terra de origem uma relação de proximidade e compartilhamento cultural (MINTZ e PRICE, 2003: 29). Neste trabalho, as referências à África irão se limitar à parte central do continente, por motivos diversos a serem detalhados adiante.

Colocar lado a lado o passado pré-colombiano e suas reverberações, com a história do transporte forçado de populações africanas para o continente americano, associando-se aos desenvolvimentos atuais se justifica quando adotamos o sentido de tempo e História pensado por Walter Benjamin (1987, pag 222). Em suas teses sobre História, o filósofo alemão relaciona o ocorrido e o agora de forma dialética (2006, pag 245), isto, é, confrontando, atualizando e transformando a percepção de ambos, colocando-os lado a lado, como acontece na memória, e não relegando o passado a “um tempo vazio e homogêneo” (1987, 229). O passado e a cultura e a arte produzidos anteriormente são sempre revistos e suas inúmeras camadas, bifurcações, opacidades, resistências, confluências e possibilidades são reconsideradas, à luz de um presente também em fluxo, nunca estático. Assim, cada componente que conhecemos exibe o potencial de alterar a forma como cada um dos outros é interpretado e de engendrar novas relações entre eles.

Dessa maneira, vamos tratar das conexões ancestrais entre Brasil e Jamaica, como contatos que ocorreram de maneira a afetar os indivíduos que formam suas subjetividades em ambos os sistemas culturais dialogando no tempo e no espaço. Mesmo que não tenham uma relação continuada, no sentido de contato deliberado e regular entre indivíduos que se viam como integrantes

de um dado sistema cultural, este trabalho pretende demonstrar que partilhamos algumas bases que podem ser ressignificadas e compreendidas e atualizadas continuamente. Essa atualização acontece alicerçada em uma memória que está alojada em nossos corpos e em nossas mentes, consciente ou inconscientemente, produzindo novas subjetividades e deixando caminhos abertos para conexões contemporâneas, analisadas no artigo “Enredando Imagens e Sons do Brasil, Jamaica e Reino Unido: documentários sobre reggae e a cultura dos sound-systems”, onde os filmes que abordam os sistemas de som, formas de amplificação de música popular por meio de paradões de caixas sonoras são analisados.

Para desenvolver este trabalho, optamos por adotar uma abordagem interdisciplinar, integrando à pesquisa não os aportes teóricos das artes, estudos caribenhos, história, etnomusicologia, estudos de cinema e audiovisual, estudos de música popular, entre outros. As razões para tal postura são muitas, começando pela minha convicção pessoal de que a constituição do conhecimento no mundo atual, em toda a sua complexidade, necessita cada vez mais da superação das barreiras disciplinares, que tendem a engessar os esforços de pesquisa. O intercâmbio conceitual, metodológico e prático entre as diversas áreas do saber vem se mostrando profícuo na abordagem de problemas recentes e no oferecimento de novas perspectivas e soluções. O trabalho científico coletivo e aglutinante, que começa e termina pela queda de preconceitos e pelo alargamento da percepção, possibilita novas combinações teóricas e experimentais, que por sua vez propõem outras questões e abrem portas ainda insuspeitas.

Sistemas culturais ameríndios

O universo cultural anterior à chegada maciça de europeus no que eles chamavam de Novo Mundo era composto por centenas de grupos étnolinguísticos diferentes, que habitaram as ilhas caribenhas que tiveram o primeiro contato com os europeus e o continente. Aruaques e caribes eram apenas dois deles. Os aruaques⁴, grupo com maior número de achados arqueológicos

⁴ Nome adaptado de Arawak, denominação primeiramente usada por Brinton (1891) e Steinen (1886) para indicar a língua falada pelos indígenas da Guiana Inglesa, que se chamavam de Lokono (apud Aikhenvald, 1999, 73). Outros estudiosos usam o nome

na ilha, é, não por coincidência, o grupo indígena que mais se dispersou pelas Américas, partindo provavelmente da região amazônica, onde hoje se encontram a maior parte dos falantes das línguas desse tronco. No Caribe este grupo é chamado de *taino* e se dividiu em três subgrupos, seguindo como ponto de referência a região caribenha: os chamados tainos clássicos são encontrados nas ilhas de Porto Rico, Hispaniola (Haiti e São Domingo) e na parte leste de Cuba. Os tainos ocidentais habitaram a Jamaica, Bahamas e também Cuba, “com a exceção da parte oeste, ocupada pelos Guanahatabey, remanescentes da população original da ilha” (SANTOS-GRANERO, 2002), que não pertencem a este grupo. Os tainos orientais habitaram nas hoje chamadas Ilhas Virgens e nas Ilhas Leeward. Os tainos ocidentais foram considerados pelos estudiosos como menos afeitos a guerras e ao canibalismo supostamente encontrado em outros grupos. Além disso, os três subgrupos teriam algumas diferenças em termos de linguagem, organização social e práticas culturais (Rouse, 1992). Os aruaques também sofreram com guerras, epidemias e genocídio e foram reduzidos a um número bem menor de pessoas, estando mais presentes na Amazônia em grupos como os Campa, Piro, Ashninka e Apurinã (HILL e SANTOS-GRANERO, 2002).

O linguista Heckenberger propôs uma outra classificação baseada nos falares aruaques modernos, tendo a Amazônia como ponto de referência. Assim, os falares Lokono-Guajiro e Taino seriam parte do que ele chama de Aruaques do Norte (2002). Os aruaques tiveram contato com quase todos os outros grupos e comerciaram com sociedades indígenas da América Central e do sul da América do Norte. Por isso é difícil determinar, se não impossível, “quais traços comuns são um produto da afiliação linguística e quais são resultado dos espaços geográficos e históricos compartilhados”. Além disso, tal dispersão e as diferenças históricas levaram a “padrões divergentes de adaptação ecológica, organização social, e estrutura política”. Não há dúvida também que eles mudaram ao longo do tempo, também como resultado dos movimentos de diáspora pelas Américas, em uma

Maipurán para indicar essa língua geral, o que depois se revelou ser de um grupo específico.

cultura marcadamente oral, que apenas no último século passou a preservar a sua cultura sob a forma escrita e audiovisual ⁵. No entanto, muitos estudiosos procuram estudar os traços culturais que se mantiveram, como “disposições gerais inconscientes”, enquanto que outros se manifestam de “uma natureza normativa consciente” (SANTOS-GRANERO, 2002).

Os tainos ocidentais são considerados como extintos na Jamaica, estudados por meio de sítios arqueológicos localizados em várias partes da ilha, alguns bem perto de Kingston, a capital, mas podemos também entender um pouco da cultura dos tainos por relatos da época. Segundo o livro *Jamaica Española*, de Francisco Moráles Padrón, alguns dos primeiros habitantes europeus da ilha foram espanhóis, como Francisco de Garay e Don Fernando Melgarejo, que chegaram alguns anos depois que uma nau de Colombo naufragou na ilha, em 1504. Escritores como o conhecido Frei Bartolomeu de Las Casas e Fernández Oviedo y Torquemada relataram suas descobertas ao governo espanhol em suas cartas. Garay chamava o rei Carlos I da Espanha de “nuestro repartidor en la isla de Xaymaca”, em uma carta de 1511, uma das primeiras menções do nome indígena original da ilha (Padrón, 1952). Ele se referia ao fato de que os oficiais espanhóis teriam “repartido” os índios em grupos para escravizá-los em suas plantações. O oficial chamado de “Almirante” era indicado como “possuidor” de 1600 indígenas. Artefatos taino achados em sítios arqueológicos e um petroglifo (relevô gravado em pedra achado na região de Warminster) da Jamaica podem ser vistos abaixo (Fonte: National Library of Jamaica).

Em uma carta de 28 de outubro de 1495, Michele de Cuneo conta a primeira visita de Colombo à ilha, reportando sobre “um porto excelente e bastante populoso... durante aquele período cerca de 60000 pessoas vieram das montanhas, apenas para olhar para nós” (William, 2013 apud Morison, 1963, 222). Las Casas relatou que a ilha era densamente povoada quando os espanhóis aportaram pela primeira vez na ilha (apud Cundall, 1915). Quando os monges da Ordem de São Jerônimo

⁵ Nesse sentido, é necessário citar o recente movimento Vídeo nas Aldeias, onde o grupo aruaque Ashninka, localizado ao longo da fronteira entre Brasil e Peru, é um dos mais atuantes, produzindo vídeos sobre seus costumes, cotidiano e práticas culinárias.

chegaram na Jamaica, poucos anos depois, constataram que o regime de escravidão e as doenças trazidas pelos europeus estavam aniquilando rapidamente os indígenas e citaram o grupo liderado pelo cacique Goayrabo, que se viu reduzido a apenas cinco pessoas. Os índios não deixaram de resistir, e segundo os espanhóis, possuíam objetos e armas de pedra, que usaram em suas muitas fugas para outras ilhas, pois eram exímios navegantes de grandes canoas, outro nome de origem aruaque (1952)⁶. Outros se juntariam aos primeiros africanos trazidos pelos traficantes de escravos para fundar as primeiras comunidades *maroons*, os quilombos jamaicanos, o que foi primeiramente objeto de relatos da época e depois reforçado por achados arqueológicos (Goucher e Agonsah, 2011).

A culinária é um dos traços que mais se retiveram dos indígenas na Jamaica. Padrón assinala, ainda baseado nos oficiais espanhóis, que a alimentação dos tainos era baseada em batatas (outro nome aruaque), mandioca (chamada até hoje na Jamaica pelo nome aruaque de *cassava*, existindo até mesmo uma faixa de reggae com o nome de *Cassava Piece*, do instrumentista e produtor Augustus Pablo), milho, peixes, mariscos, caracóis, pássaros, frutas (1952), todos elementos importantes da cozinha jamaicana. Além de plantar milho e cassava, também tinham plantações de algodão para fazer suas roupas. Os jamaicanos usam a mandioca largamente em sua culinária, e um prato que veio diretamente dos tainos ocidentais é o *bammy*, onde a mandioca é cozida e transformada em uma espécie de pão chato, como um pão sírio.

Os tainos clássicos ainda existem como grupo demográfico relevante em Porto Rico (onde análises genéticas apontam que a população possui até 62% de genoma ameríndio, algo que não foi feito ainda em larga escala na Jamaica), Dominica, e Trinidad e Tobago, além de outras arquipélagos-estado da região (Villar

⁶ Uma hipótese é que parte desse grupo tenha fugido por mar para a costa norte da América do Sul, formando o povo Goajiro, ou Wayuu, que habita uma península Guajira na fronteira entre o que hoje é conhecido como Colômbia e Venezuela, bem próximo da Jamaica, pelas semelhanças linguísticas observadas por estudiosos como , reforçaram esse argumento, embora não haja ainda evidência arqueológica. Os Wayuu são hoje um dos grupos indígenas mais numerosos da região, contando com mais de 350.000 indivíduos.

et ali, 2014). Comparações entre essas populações e achados arqueológicos e relatos históricos apontam para “continuidades e similaridades em longo prazo nas práticas socioculturais dos falantes das línguas aruaque”, “produzindo uma trajetória distinta que ainda está sendo vivenciada” (SANTOS-GRANERO, 2002). Assim podemos constatar que algumas retenções culturais aconteceram na ilha, na cultura, na língua (alguns deles partilhados com os brasileiros) e que também se apropriam dos tainos em seus símbolos indentitários, como o brasão do país , ladeado por dois indígenas (ver figura abaixo).

Entre as palavras de origem aruaque usadas na Jamaica e no Brasil temos cacique, canibal, canoa, furacão (hurricane), manati, iguana, papaya, batata, tabaco. A palavra goiaba, que veio do aruaque wayaba, foi modificado no Caribe para guava. Flautas de bambu e maracas (ver figuras abaixo) são as retenções musicais mais explícitas, que ainda estão vivas no mento, hoje considerada como música folclórica na Jamaica, mas que tem vários grupos ativos, como a banda Jolly Boys (ver pintura abaixo de uma banda de mento, onde se pode ver o flautista de bambu).

Os achados arqueológicos também apontam para uma cerâmica avançada. A peça abaixo é uma estátua de cerâmica taino encontrada no sítio arqueológico de White Marl, Jamaica, datada provavelmente do século XIV (Fonte:National Library of Jamaica).

Mesmo com os relatos sobre o extermínio e fuga dos tainos da Jamaica, existem além dos indícios coletados pelos arqueólogos, traços indígenas que podem ser facilmente identificados em algumas pessoas nas cidades jamaicanas. Isso foi confirmado ao ler a história da senhora Olive Moxan-Denis (ver foto abaixo), que sempre se viu como uma Taino, mas nunca assumiu plenamente sua identidade, o que fez na Conferência Internacional Maroon em Charles Town, no condado de Portland na Jamaica, estimulada por sua filha Erica Neeganagwedgin, hoje pesquisadora da herança indígena (Williams, 2014).

Kumina e Candomblé Angola

A descoberta das relações entre indígenas e quilombolas *maroons* na Jamaica poderia direcionar a pesquisa das conexões com o Brasil inteiramente para este lado, mas desde o início havia uma pista de que haveria conexões um pouco mais diretas, em um artigo da professora Maureen Warner-Lewis no *Jamaica Journal*, dando conta da herança banto na cultura jamaicana. Essa história foi contada no artigo “Vibrações Positivas, Conexões Desvendadas”, publicado no jornal Estado de Minas (2016), mas vale a pena passar algumas outras informações. Foi possível descobrir, mais tarde, que este artigo se baseava em uma pesquisa realizada nos anos 1970 e publicada no início dos anos 1980 pela antropóloga norte-americana Monica Schuler, onde ela descobriu as comunidades do condado de Saint Thomas, formada por descendentes de africanos da região da África Central.

No livro, denominado “Alas, Alas, Kongo: A Social history of indentured African immigration into Jamaica - 1841-1865” Schuler desvenda esta conexão (1980). O livro, resultado de engenhosas entrevistas com os integrantes da comunidade, combinada com rigorosa pesquisa em documentos históricos, relata como foram formadas essas comunidades, que fazem de Saint Thomas a área com maior concentração de africanos oriundos de um só grupo étnolinguístico na Jamaica. São imigrantes que tinham “um pé no ‘mundo africano’ e outro no mundo jamaicano” (1980), quase nunca saindo de suas comunidades. Chegaram à Jamaica vindos das colônias da Ilha de Santa Helena, para onde foram levados quando os navios que os traziam para o Brasil foram interceptados pela marinha britânica.

Isso começou a acontecer depois do *Emancipation Act* de 1833, que liberou legalmente os africanos escravizados e seus descendentes, depois de diversas rebeliões a partir de 1831, mas houve um período de transição até 1838, quando se impôs um sistema de aluguel de terra que era muitas vezes pior do que a escravidão (ainda não era o regime de *indentured labour*, descrito abaixo), pois tirava mais do que o salário pago (escravidão por dívida), gerando revoltas. Paralelo a isso, as severas secas de

1847 e 1854 levaram muitos jamaicanos a emigrar para a América Central, notadamente Costa Rica e Panamá (1980). Isso fez com que os fazendeiros pressionassem o Império Britânico, que por sua vez pressionou o Império do Brasil a abolir a escravidão também, pois consideravam-na agora como “concorrência desleal”. Após o Império do Brasil declarar o desumano tráfico de escravos ilegal, a marinha britânica passou a interceptar as naus que continuassem a traficar seres humanos no Oceano Atlântico. Elas eram desviadas para as então colônias de Serra Leoa e da ilha de Santa Helena, onde as pessoas que padeceram nos porões dos navios eram tratadas e trabalhavam em condições precárias, sem ter como voltar para sua terra. A maioria delas era do grupo etno-linguístico banto, sequestradas nos territórios dos países hoje conhecidos como Angola e Congo, na região da África Central.

Depois de algum tempo, pessoas como Ma Mbamba Mbizi Nkadi, chamado pelos ingleses de John Thomas (Schuler, 1980), migraram para as colônias britânicas do Caribe, muitas delas para a Jamaica, onde a escravidão já havia sido abolida, mas onde as tradições africanas eram desqualificadas pelo regime colonial, principalmente nas grandes cidades. Na ilha, elas começaram uma nova vida em um regime conhecido como *indentured labour*, onde recebiam um pequeno pedaço de terra e se comprometiam a trabalhar nas plantações por uma pequena remuneração. Muitos desistiram desse tipo de trabalho, que não era tão diferente da escravidão, e fundaram suas próprias comunidades, quase todas no condado de Saint Thomas, no sudeste da Jamaica, onde a maioria dos navios de Santa Helena aportou.

Ali praticaram uma religião derivada dos cultos africanos que chamam de Kumina (ver fotos abaixo), que consiste em rituais que envolvem dança, batidas de tambores e canto, culminando com a possessão pelos ancestrais. Estes seriam os pioneiros, que vêm para dançar com os parentes, amigos e discípulos. Também reconhecem outros espíritos, que ficam atados à Terra, os “de baixo” (Bakongo de Angola: *simbi kia si*) e outros altamente elevados, ligados ao céu, os mais poderosos, os da chuva (*simbi kia zulu*), que visitam as cerimônias Kumina, mas não dançam. Os espíritos mais altos, chamados de Nzambi

Mpungu, são associados ao Deus Todo-poderoso do cristianismo (1980). Schuler também descobriu que eles falavam uma língua ininteligível para os jamaicanos em seus rituais, o que ela pensou ser uma espécie de pidgin, ou língua de contato, entre diversos grupos africanos reunidos na Jamaica.

Ritual Kumina em que se toca o tambor sentado, como no tambor de crioula do Maranhão (fonte: Biblioteca Nacional da Jamaica)

O etnomusicólogo e antropólogo Kenneth Bilby entra nessa história ao pesquisar os maroons e sua música. Ao tomar contato com as comunidades de Saint Thomas, percebe ali um contexto diferente, inclusive com outras línguas africanas envolvidas. Acertadamente, vai em busca de um acadêmico da mesma região de onde os antepassados dos integrantes das comunidades haviam sido raptados e escravizados, no caso o professor angolano Fu-Kiau Bunseki. Juntos eles rastreiam a “African language”, como as pessoas nas “bongo towns” chamavam a língua ritual. Bunseki já havia pesquisado a Kumina e os dois começam a levantar o vocabulário usado pelos integrantes das “Kongo nations”, além dos nomes dos ancestrais que eram cultuados em seus rituais. Nomes como Mantu Kokolo, Aloni Scott ou John Kreso, que vieram da África para as comunidades e se comunicavam na língua Kikongo, hoje falada em Angola com algumas modificações trazidas pelo tempo.

Bilby e Bunseki recolheram as palavras usadas por eles e descobriram que haviam retido uma quantidade razoável e poderiam se comunicar de forma simples com um africano moderno, caso este chegasse na comunidade (1983). Entre as palavras usadas, algumas bastante familiares dos praticantes do Candomblé Angola no Brasil, afroreligião de matriz banto, como *nkisis* (chamado aqui de inquices), que seriam de alguma maneira equivalentes aos orixás da mitologia do Candomblé Queto, de matriz iorubá. No Candomblé Angola, o culto aos ancestrais também acontece, são as obrigações, chamadas na Kumina de *duties*, que tem o mesmo sentido na língua geral, que mescla palavras em inglês com palavras oriundas das línguas africanas. Nzambi ou Zambi é o nome do Deus-supremo, muitas vezes

identificado com o Deus do cristianismo, o que causa movimentos de sincretismo como os que vemos no Brasil. Abaixo vemos uma pintura representando o ritual Kumina e uma foto de um ritual do Candomblé Angola.

Na entrevista concedida a este pesquisador, Bilby contou como as comunidades de Saint Thomas foram importantes na formação de Leonard Howell, um dos fundadores da religião rastafari, extremamente importante na constituição da música popular na ilha. Segundo Bilby, Howell se retirou de Saint Thomas e foi para outra região da Jamaica fundar a comunidade de Pinnacle, núcleo inicial do rastafarianismo⁷. A maioria dos seus primeiros seguidores eram antigos praticantes da Kumina, que se valeram das mesmas batidas trabalhadas nos rituais para fazer a música rasta, mais tarde conhecida como nyabingi. Ela passou por mudanças ao longo dos anos, os músicos de Saint Thomas perderam a relevâncias que tinham no início, a comunidade de Pinnacle foi destruída e seus integrantes dispersos pela ilha, mas um pouco do núcleo da batida permaneceu e ainda pode ser ouvido em alguns dos reggae tocados a todo volume em sound-systems de todo o mundo.

As comunidades banto no Brasil, por sua vez também muitas vezes se valiam de batidas usadas nos rituais em canções populares, tanto que o espaço que hoje chamamos de quadra das escolas de samba, eram chamadas até os anos 1960 de terreiros e às vezes eram realmente o mesmo espaço para ambas as manifestações. Estima-se que os povos banto representam mais de 70% do total de africanos trazidos à força para o Brasil e foram cruciais na constituição do jongo, chorinho, samba e o chamado funk carioca e sua batida “tamborzão”, vinda da “Curima Riddim”, base instrumental que veio diretamente dos terreiros e se tornou um sucesso na produção do sound-system carioca

⁷ Movimento cultural e espiritual seguido por muitos jamaicanos, onde existe a crença em Haile Selassie I, último imperador da Etiópia e descendente de uma linhagem que iria até a rainha de Sabá, mencionada na Bíblia, como um deus vivo. Uma história detalhada desse grupo religioso, que possui diversos grupos internos como as Doze Tribos de Israel e os Bobo Shanti e tem no reggae uma das formas mais importantes de divulgação de sua mensagem pode ser lida na tese de Danilo Rabelo disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6447/1/2006_Danilo%20Rabelo.pdf.

Digital Dubs. Na Jamaica, as batidas da Kumina também foram capitais na formação do ska, rocksteady, reggae e dancehall.

Considerações finais

Dessa maneira o círculo se fecha e as manifestações ancestrais se colocam lado a lado com suas contrapartes modernas, uma modificando a outra. Nem a música se resume a uma releitura das tradições, nem as tradições se mostram como estáticas, elas são vivas e continuam sua trajetória. Os processos transculturais foram decisivos na formação dos sistemas jamaicanos e brasileiros, interligando aspectos materiais, corporais e socioculturais na constituição cotidiana de manifestações em constante movimento e transformação. As conexões se mostraram extremamente proficuas no passado e continuam a gerar novas manifestações culturais sob a forma do reggae e dos sound-systems. Novas conexões começam a se fazer ver, como a obra da jamaicana Ebony G. Patterson, que está expondo na 32a Bienal de São Paulo, Brasil, uma das mais importantes mostras artísticas do planeta.

A relativização ou mesmo abolição das fronteiras disciplinares, além da perspectiva transcultural são, ao mesmo tempo, um projeto a ser experimentado e uma prática madura que está gerando frutos, enraizados na exploração criteriosa das possibilidades abertas por tal liberação intelectual, deixando para as novas gerações concretizarem novos enredamentos interdisciplinares e culturais e a socialização de suas teorias. A base ancestral não apenas estabeleceu condições para os contatos contemporâneos, mas também pode indicar novos encaminhamentos e reconhecimentos mútuos que irão balizar pesquisas, produções culturais e análises de todo o processo, em uma remontagem recursiva que tem tudo para catalisar aberturas ainda maiores para a compreensão e a para arte, do cinema, da música, entre outras. É uma maneira criativa de superar os desafios atuais enfrentados por Brasil e Jamaica, com cooperação e respeito mútuos.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987
- BLAKE, Barbara. Testimonio sobre el cine en Jamaica. In: *Fundación Mexicana de Cineastas. Hojas de Cine: Testimonios y documentos del nuevo cine latinoamericano - vol. III*. Universidad Autónoma Metropolitana: Cidade do México, 1988
- CARIBBEAN STUDIES ASSOCIATION. Convocatória para a 31ª Conferência Anual. Disponível em: <http://sta.uwi.edu/caribbeanstudies>. Acessado em 27/03/2006
- CARVALHO, José Jorge de e SEGATO, Rita Laura. *Sistemas Abertos e Territórios Fechados: para uma nova compreensão das interfaces entre música e identidades sociais*. [online] Universidade Nacional de Brasília: Série Antropologia, 1994. Disponível na Internet em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie164empdf.pdf>. Acessado em 21/06/2004
- COOPER, Carolyn. A unidade é Submarina: Circuitos da Cultura no caribe transterritorial. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luis, Vol. XI, nº22, Jan-Jun 2011, p. 13-31
- CUNDALL, Frank. *Historic Jamaica*. Kingston: Institute of Jamaica, 1915
- DE THEYJE, Marjo. Transnationalism in Surinam: Brazilian Migrants in Paramaribo. In: GOWRICHARN, Ruben (org.). *Caribbean Transnationalism: Migration, Pluralization, and Social*. Oxford: Lexington Books, 2006
- GOUCHER, Candice and Agorsah Kofi. Excavating the roots of resistance: the significance of maroons in Jamaican archeology. In: Delle, James A et al. *Out of Many, One People: The Historical Archaeology of Colonial Jamaica*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2011
- HENEBELLE, Guy e GUMUCIO-DAGRON, Alfonso. *Les Cinémas de l'Amérique Latine*. Paris: L'herminier, 1981
- HILL, Jonathan D. e SANTOS-GRANERO, Fernando. *Comparative Arawakan Histories: rethinking language and culture area in Amazonia*. Chicago: University of Illinois Press, 2002
- HORNA, Hernán. *La Indianidad – the indigenous world before Latin Americans*. Princeton: Marcus Wiener, 2001

- MINTZ, Sidney. Enduring substances, trying theories: the caribbean region as oikumenê. *The journal of the Royal Anthropological Institute*, Vol. 2, nº 2, pag. 289-311. Junho de 1996
- MINTZ, Sidney e PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas/Universidade Cândido Mendes, 2003
- ORTIZ, FERNANDO. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: Universidad Central de las Villas, 1963
- PADRÓN, Francisco Morales. *Jamaica Española*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1952
- ROUSE, Irving. *The Tainos*. Yale University Press, 1992
- SAUNDERS, Nicholas J. *The peoples of the Caribbean: an Encyclopedia of Archeology and Traditional Culture*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2005
- SCHULER, Monica Elaine. *Alas, Alas, Kongo: A Social history of indentured African immigration into Jamaica - 1841-1865*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980
- SIMONIAN, Ligia T. L. E FERREIRA, Rubens da Silva. Brazilian Migrant Workers in French Guiana. In: GOWRICHARN, Ruben (org.). *Caribbean Transnationalism: Migration, Pluralization, and Social*. Oxford: Lexington Books, 2006
- VIDIGAL, Leonardo Alvares. A Jamaica é aqui: relações entre música e território no audiovisual *Revista Brasileira do Caribe*, Brasília, Vol. IX, nº18. Jan-Jun 2009, p. 425-484
- VILARM, Miguel G. et ali. Genetic Diversity in Puerto Rico and Its Implications for the Peopling of the Island and the West Indies. *American Journal of Physical Anthropology* 155:352–368, 2014
- WILLIAMS. Paul H. I am not extinct - Jamaican Taino proudly declares ancestry. *Jamaica Gleaner*. 05 jun. 2014. Disponível em <http://jamaica-gleaner.com/gleaner/20140705/lead/lead5.html> . Acessado em 07/04/2016